

HETEROTOPIAS E PRODUÇÃO DE SENTIDO NOS ESPAÇOS DE SALAS DE LEITURA

HETEROTOPIES AND THE PRODUCTION OF MEANING IN READING ROOM SPACES

HERETOTOPÍAS Y PRODUCCIÓN DE SENTIDO EN ESPACIOS DE SALA DE LECTURA

Liliana Secron Pinto¹ 0000-0002-9109-7498
Rosimeri de Oliveira Dias² 0000-0001-9250-1010

¹ Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; lsecron@gmail.com

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil; rosimeri.dias@uol.com.br

RESUMO:

Este artigo acontece entre os modos de trabalhar formação que estreitam a relação escola básica e universidade perspectivada pela invenção. Toma como análise e intervenção experiências de professoras tecidas entre Salas de leitura das escolas da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro (SME-RJ) e as investigações do grupo de pesquisa Oficina de Formação Inventiva de Professores (OFIP) da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ). Nele são enunciados cinco princípios que regem as salas de leitura, e as disputas de sentido que atravessam sua existência contida no conceito foucaultiano de heterotopia, a saber: a sala de leitura é lugar de leitura literária, de encontro, de formação, de invenção e de arte. Uma sala de leitura, nestes termos, não é somente um espaço físico, mas os posicionamentos e contraposicionamentos, que se manifestam na relação *sujeitoespaçotempo*.

Palavras-chave: produção de subjetividade; escola básica, universidade.

ABSTRACT

This paper takes place between the ways of developing formation that narrow the relationship between basic school and university envisaged by invention. It takes as an analysis and intervention the experiences of teachers woven between Reading Rooms in the schools of the Municipal Department of Education of Rio de Janeiro (SME-RJ) and the investigations of the research group Oficina de Formação Inventiva de Professores (OFIP) of the Faculty of Teacher Formation of the Rio de Janeiro State University (FFP-UERJ). It sets out five principles that conduct the reading rooms, and the disputes of meaning that cross their existence contained in the Foucauldian concept of heterotopia, namely: the reading room is a place of literary reading, meeting, training, invention and of art. A reading room, in these terms, is not just a physical space, but the positions and counterpositions, which are manifested in the subject-space-time relationship.

Keywords: production of subjectivity; basic school; university.

RESUMEN

Este artículo se desarrolla entre las formas de trabajar formación que estrechan la relación entre la escuela básica y la universidad en la perspectiva de la invención. Toma como análisis e intervención las experiencias de docentes entretejidas entre las Salas de Lectura de las escuelas de la Secretaría Municipal de Educación de Rio de Janeiro (SME-RJ) y las investigaciones del grupo de investigación Oficina de Formación Inventiva de Profesores (OFIP) de la Facultad de Educación de Profesores de la Universidad del Estado de Río de Janeiro (FFP-UERJ). En él se enuncian cinco principios que rigen las

salas de lectura y las disputas de sentido que atraviesan su existencia contenidas en el concepto foucaultiano de heterotopía, que son: la sala de lectura es un lugar de lectura literaria, de encuentro, de formación, de invención y de arte. Una sala de lectura, en estos términos, no es solo un espacio físico, sino las posiciones y contraposiciones, que se manifiestan en la relación sujeto-espacio-tiempo.

Palabras clave: producción de subjetividade; escuela básica; universidad.

Introdução

Heterotopia e pesquisa-intervenção por entre a escola básica e a universidade

O conceito de heterotopia foucaultiano (2013) será aqui tratado por entre a experiência de professoras da rede municipal de educação do município do Rio de Janeiro – SME-RJ vivida no início dos anos 2000, um momento de efervescência das disputas de sentidos desses espaços que acontece até hoje. Um tempo em que se buscava desenvolver a ideia da sala de leitura como biblioteca da escola e da leitura literária como seu princípio estruturante.

Foucault chama de heterotopia (2013) os espaços outros que, ao contrário das utopias, possuem lugar no real e são produzidos na relação *sujeitoespaçotempo* por entre os corpos, a linguagem e os discursos (SECRON, 2020). Pensar as salas de leitura por entre esse conceito, portanto, é compreendê-las em sua materialidade, com suas corporeidades, circulações e possibilidades outras de existência.

O conceito de salas de leitura, na perspectiva que apresentamos aqui, foi construído por entre políticas públicas do livro e da leitura que aconteciam com base na legislação federal (BRASIL, 2018), tanto nas ações realizadas pela SME-RJ por meio da Gerência de Mídia-Educação, quanto pelas ações desenvolvidas nas escolas, além dos encontros e parcerias com escritores, ilustradores, bibliotecários, editoras, e outras instituições que atuam em defesa do livro e da leitura no município do Rio de Janeiro.

As ações que aconteceram nesse contexto, fizeram com que se constituísse um sentido discursivo que, além de estruturar o trabalho desenvolvido, é, até hoje, mesmo com as mudanças de direcionamentos na gestão das salas, uma forma de disseminar o que seriam as salas de leitura na perspectiva que apresentamos, buscando garantir que ela não se perca. Um sentido que tensionado por outras linhas de força, seja pelos objetivos e formas do uso do espaço, seja pela ausência/esvaziamento de discursos sobre as salas que foram desviando o posicionamento (FOUCAULT, 2009c, p. 413) da relação primeira com os livros e tensionando os seus sentidos e forçando uma tendência ao extremo de produzir salas de leitura como o

lugar do “tudo pode” (MONTEIRO; SERRA; GUEDES, 2017, n.p.).

A discussão aqui proposta é efeito da pesquisa-intervenção (Rocha; Aguiar, 2003) realizada *com* salas de leitura do Rio de Janeiro e suas heterotopias para forjar uma formação inventiva de professores (SECRON, 2020). Uma pesquisa que emerge das micropolíticas cotidianas das escolas e dos saberes forjados no grupo de pesquisa Oficinas de formação inventiva de professores (OFIP/CNPq), de nossa implicação com nossos fazeres, da forma com que ocupamos esses espaços e da percepção das diversidades produtoras de diferença.

Trata-se de um modo de pesquisar que aponta para a desconstrução dos dualismos que aprisionam e a permanente necessidade de criação de dispositivos para um campo de experiencição. Algo que afete, que nos afete, que implique a formação de um “em comum” que se dá por contágio e se manifesta em uma relação intrínseca entre pesquisador e objeto de pesquisa. Uma afetação na dupla possibilidade de sua raiz semântica, de deixar-se atingir, e de afetividade. Um modo de pesquisar que permite, aqui, a exposição do exercício cotidiano de habitar o território sala de leitura tecido por entre diários de pesquisa e conversas com as professoras-intercessoras.

É nesse contexto – de pesquisa-intervenção (ROCHA; AGUIAR, 2003; SECRON, 2020) com sala de leitura – que pensamos a relação da heterotopia foucaultiana e sua noção de *sujeitoespaçotempo* em conversa com a produção de sentidos das salas de leitura da secretaria municipal do Rio de Janeiro. Para isso, de início trazemos a noção de espaço a qual iremos nos referir aqui, e, em seguida, apresentaremos, por entre as vozes das professoras-intercessoras, os princípios das salas de leitura que são: a sala de leitura é o lugar de leitura literária, de encontro, de formação, de invenção e de arte. Com este caminho, de análises e de intervenção, entre escola e universidade é possível dizer que a sala de leitura não é somente um espaço físico, mas os posicionamentos e contrapositionamentos, que se manifestam na relação *sujeitoespaçotempo* de um livro aberto, heterotópico, como nos diz Foucault (2013).

Salas de leitura e as heterotopias

Na perspectiva foucaultiana, estamos vivendo “a época do espaço” (FOUCAULT, 2013). Um momento específico da história em que, não negando a ideia de tempo (foco do pensamento do XIX), passa-se a ter no espaço o foco das experiências. Esta é uma questão muito cara para a discussão aqui proposta, pois toca direto nas análises e intervenções com e sobre as salas de leitura e suas experiências. Desde já, também em companhia de Michel

Foucault, é importante dizer que “[...] uma experiência é qualquer coisa de que se sai transformado” (FOUCAULT, 2009b, p. 7).

A noção do que chamamos de espaço sofreu alterações no decorrer dos séculos. Foucault por meio de seus estudos, divide historicamente essa noção em três momentos na história: um primeiro que traz em si a ideia de “localização”, o que permite a separação e hierarquização de tipos de espaço: sagrados, profanos, rurais, urbanos etc. Posteriormente, pósdescoberta de Galileu de que a terra girava em torno do sol, passa-se a perceber o espaço segundo uma noção de “espaço infinito”, passando a considerá-lo na sua dimensão de “extensão”. Contemporaneamente, no entanto, a compreensão que se tem é do espaço como posicionamento. E é com esta ideia que iremos conversar.

De uma maneira mais concreta, o problema do lugar, ou do posicionamento, propõe para os homens em termos de demografia; e esse último posicionamento humano, não é simplesmente questão de saber se haverá lugar suficiente para o homem no mundo – problema que é, afinal de contas, muito importante –, é também o problema de saber que relações de vizinhança, que tipo de estocagem, de circulação, de localização, de classificação de elementos devem ser mantidos de preferência em tal ou tal situação para chegar a tal ou tal fim. Estamos em uma época em que o espaço se oferece a nós sob a forma de relações de posicionamentos (FOUCAULT, 2009c, p. 413).

Podemos afirmar que a noção de espaço, do ponto de vista do posicionamento, alia-se a uma outra questão a ser considerada para sua configuração: a existência dos sujeitos que o compõem e se compõem com ele. Esses sujeitos possuem papel ativo nessa constituição. Mais do que um habitar, ele pressupõe uma ação na produção dos espaços, que estão presentes nas relações de vizinhança, na circulação, na classificação de elementos para se chegar a um fim.

Pensar essa composição *sujeitoespaçotempo*, passa, necessariamente, por pensar como se dão as relações nos diferentes contextos, nos diferentes espaços, com diferentes sujeitos (DIAS; SECRON; BUSQUET, 2022). Podem elas existir sem tensão, sem disputas, sem exercícios de poder? Como essas tensões, essas disputas, esses exercícios de poder se manifestam e compõem juntamente com o sujeito, nos diferentes contextos?

O espaço no qual vivemos, pelo qual somos atraídos para fora de nós mesmos, no qual decorre precisamente a erosão de nossa vida, de nosso tempo, de nossa história, esse espaço que nos corrói e nos sulca é também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Dito de outra forma, não vivemos em uma espécie de vazio, no interior do qual poderiam se situar os indivíduos e as coisas. Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, *vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossível de serem sobrepostos* (FOUCAULT, 2009c, p. 414, grifo nosso).

Nesta tessitura relacional as posições se constituem e ao mesmo tempo em que

compomos os espaços, somos compostos por eles. Uma relação que se dá num entrelaçamento de forças que ocorrem de modo não hierárquico ou cumulativo, mas formando-se no que Foucault chama de “teia”. É o espaço visto como rede de relações, como subjetividade.

É por entre essa noção de subjetividade foucaultiana aliada a perspectiva da existência de espaços outros, heterotópicos, que emergem as perguntas: como as salas de leitura, e as verdades que as constituem, foram sendo forjadas na construção discursiva? Há uma condição recíproca de existência entre espaço/professor de sala de leitura atravessada pelo discurso? Como ela acontece?

Pensar as salas de leitura como um espaço da escola é, necessariamente, pensar, além do contexto escola onde ela se insere, os sujeitos que a compõem, as relações que se estabelecem para suas existências, seus posicionamentos, os efeitos e disputas emergentes dessas relações que as fazem diferir.

Rago (2015) discorre sobre as diferentes formas de lidar com o espaço no decorrer da história e, trazendo as noções de biopoder e biopolítica, afirma que “o espaço cria hábitos, produz desejos e gestos, organiza o comportamento do indivíduo e define o tempo e as sociabilidades desejadas” (RAGO, 2015, p.43).

Diz ainda que se há controle na relação com o espaço, se nele as relações de poder se efetivam, há também linhas de fuga que ocorrem através da criação de contra-espaços, como propunham os libertários do séc. XIX.

Os libertários tinham claro, portanto, que a criação de contra-espaços, de espaços heterotópicos seria fundamental para produzir indivíduos que não fossem ‘corpos dóceis’ e obedientes, como quiserem o Cristianismo e o capital. Não conheciam esses conceitos recentes, mas sabiam muito bem o que queriam e o que rejeitavam, tendo claros seus limites do intolerável (RAGO, 2015, p. 47).

Sendo a escola, para Foucault, um dos espaços sociais de controle, uma heterotopia de passagem, de produção de “corpos dóceis” que faz “das crianças, adultos, de camponeses, cidadãos” (FOUCAULT, 2013, p. 26), possuiria ela um *contraespaço* heterotópico? Seriam as salas de leitura essa linha de fuga da escola? Ou elas, fazendo parte desse contexto, se prestariam igualmente ao controle? Ou ainda, seriam elas o lugar sem lugar das utopias? Estas questões fazem emergir a dimensão política das heterotopias. Ao reconhecê-las, habitá-las, produzi-las, produzimos um movimento de tensão, de escolhas, de tomadas de posição, de disputas, que nos posicionam enquanto salas de leitura, mas também no que tange à própria escola.

Mas no que consiste uma heterotopia? Entre os posicionamentos apresentados por

Foucault, dois deles o interessavam mais: a utopia, posicionamento sem lugar real; e a heterotopia.

São espécies de *contraposicionamentos*, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais, todos outros posicionamentos reais que se podem encontrar no interior da cultura estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, espécies de lugares que estão fora de todos os lugares, embora eles sejam efetivamente localizáveis (FOUCAULT, 2009b, p. 415).

Uma heterotopia é, portanto, uma utopia que pode ser localizada que, por estar regida por normas diferenciadas que regulam nosso comportamento social cotidiano, tende a produzir um tipo de experiência também diferenciada num marco temporal que é próprio a este lugar outro. Ela se apresenta como um *contraespaço*, um *contraposicionamento*, o que explicita, ao mesmo tempo, sua materialidade, distinguindo-as, assim, das utopias; mas também, sua capacidade de pôr em xeque o real, desequilibrando-o, dando a ver e a viver as possibilidades plurais de “posicionamentos” na existência.

Para tornar explícita a maquinaria das heterotopias, é preciso, ainda explorarmos duas outras implicações: de ser ela uma experiência da linguagem e, também, ou com isso, ser uma experiência do corpo.

As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a ‘sintaxe’, e não somente aquela que constrói as frases — aquela, menos manifesta, que autoriza ‘manter juntos’ (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula; as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases (FOUCAULT, 1992, p. 7-8).

Neste trecho da apresentação de “As palavras e as coisas”, Foucault demonstra que, sendo uma experiência do real, a heterotopia é uma experiência da linguagem, dos discursos, dos usos outros das palavras. E é com Borges, no texto “uma certa enciclopédia chinesa” (BORGES, 1972 apud FOUCAULT, 1992, p. 5) que ele demonstra essa experiência do não lirismo, das possibilidades outras de constituição dos discursos, na medida em que o texto nos desestabiliza com o jogo que propõe entre ordem/desordem, entre a possibilidade/impossibilidade do pensamento. Borges trabalha “[...] lá, onde desde o fundo dos tempos, a linguagem se entrecruza com o espaço” (FOUCAULT, 1992, p. 7) reafirmando a materialidade heterotópica. Para Foucault, “[...] a literatura é um espaço, a subjetividade também” (LAVAL, 2019, p. 117).

Já o corpo “topia implacável” (FOUCAULT, 2013, p. 7) que só se revela na heterotopia dos espelhos, fragmentariamente, ou nos cadáveres, este também se revela utopia.

[...] é do corpo que nascem todos os ‘outros lugares’, todos os desejos de sair do corpo onde estamos cercados [...] A experiência corporal é a experiência da incorporação do outro mundo e do contramundo, como vemos no domínio do sagrado ou na dança: o corpo, ao mesmo tempo produto de seus fantasmas e produtor do fantástico (LAVAL, 2019, p. 120-121).

Este posicionamento corpóreo sela a relação *sujeitoespaçotempo* que compõem as heterotopias. Ainda segundo Laval “[...] a utopia foucaultiana é mais espacial, não é temporal, é sempre uma heterotopia” (LAVAL, 2019, p.117), e nesse caso explicitamente localizada na materialidade do corpo, que nos permite vivê-las como experiência.

Quando se articula com a experiência, a utopia assume uma cor inquietante. A experiência utópica não é da ordem do conforto, não é agradável, ela se relaciona com a morte. A experiência utópica requer vontade de transformação e a decisão de se deslocar (LAVAL, 2019, p. 122).

Se por um lado, as utopias, que não possuem um lugar, uma existência real, se prestam a ser o que nos conforta e acolhe, o que nos organiza e fabula; as heterotopias, por sua vez, com sua corporeidade, nos movem para a inquietude. Sua materialidade se presta a nos impulsionar, nos desestabilizar, provocar movimento, forjar deslocamentos.

É com esta noção de deslocamentos que vimos trabalhando a formação de professores, na relação estreita entre universidade e escola básica, perspectivada pela invenção de si e de mundos, forjada em companhia de Michel Foucault (DIAS, 2011; 2012; DIAS; RODRIGUES, 2020). Por esse motivo, demoramo-nos um pouco mais na explicitação do conceito de heterotopias, que, para Foucault (2009b) são regidas, inicialmente, segundo cinco princípios:

1. estão presentes, de uma forma ou de outra, em todas as culturas do mundo; 2. podem modificar-se no tempo dentro de uma mesma sociedade; 3. possuem o poder da justaposição em um só lugar real, vários espaços, vários posicionamentos que são em si próprios incompatíveis; 4. possuem ligação com recortes de tempo (heterocronia), uma ruptura absoluta com o tempo tradicional; 5. possuem uma possibilidade de abertura e fechamento que às isola e às torna penetráveis. Posteriormente, um sexto princípio foi acrescentado: “[...] ela tem o papel de criar um espaço de ilusão que denuncia como mais ilusório ainda qualquer espaço real” (FOUCAULT, 2009b, p. 420).

Ao mesmo tempo que Foucault propõe o primeiro princípio da heterotopia, apresentando-a com um caráter universal ao afirmar que “[...] não há uma única cultura no

mundo que não se constitua de heterotopias” (FOUCAULT, 2009b, p. 416), a individualiza, trazendo-a para o campo da experiência. O que nos ajuda a nos deslocar, fazendo ver e falar o que propomos com este artigo: pensar as salas de leitura como experiência heterotópica. Nas palavras do filósofo,

Elas (as heterotopias) são a contestação de todos os outros espaços, uma contestação que pode ser exercida de duas maneiras: ou como nas casas de tolerância de que Aragon falava, criando uma ilusão que denuncia todo resto da realidade, como ilusão, ou, ao contrário, criando outro espaço real tão perfeito, tão meticuloso, tão bem disposto quanto o nosso é desordenado, mas posto e desarranjado (FOUCAULT, 2013, p. 28).

Junto com esta perspectiva heterotópica, é possível pensar que as salas de leitura possibilitam a tecitura de uma experiência relacional consigo, com outros e com literatura. Experiência *com* e emergente desse lugar do movimento, desordenado e provocador de deslocamentos para forjar espaços outros de que se sai transformado.

Se a uma heterotopia associam-se outras, aqui neste artigo, anunciamos que uma sala de leitura é uma biblioteca, heterotopia do tempo que se acumula ao infinito, em que “[...] se encerram todos os tempos e lugares do mundo” (FOUCAULT, 2013, p. 25).

Acredito que a natureza é um ciclo só, é um ser só. Então tem planta, tem planta de verdade aqui. Tudo aqui é de verdade. Tem que ser de verdade, inclusive a fantasia. [...] e a literatura é arte pura e ela se enraíza com as outras áreas. Com todas ela conversa, dialoga. Fora o cotidiano que traz o tempo todo para gente. (Professora-intercessora 5 – 22/02/2019).¹

As salas de leitura são um espaço de busca das liberdades. Ali os alunos leem, jogam, cantam e tocam, dançam, conversam, usam seus aparelhos celulares, dormem, namoram... As crianças menores fazem cercadinhos de livros, brincam de comércio, arrumam e desarrumam, usam os livros como casinha, fazem túneis para seus carrinhos, inventam leituras, ensinam o outro a ler brincando metalinguisticamente de escolinha... Utilizam os livros na sua materialidade física, discursiva e inventiva. “Tudo aqui é de verdade”, acentua a professora. Ali “[...] onde o mundo inteiro vem consumir sua perfeição simbólica” (FOUCAULT, 2013, p. 24), onde se localizam as utopias.

Eles não podiam entrar lá na sala na hora que eles queriam. A gente podia até fazer uma atividade diferente, fazer uma coisa... ‘tia quando é que a gente vai ver o livro?’ Eles queriam ver o livro. Queriam pegar o livro, sentir o livro. A gente às vezes queria contar uma história, fazer uma brincadeira, cantar uma música. Chegavam e ‘Tia! Quando a gente vai poder pegar no livro?’ Vamos então pegar no livro. Aí botava aquele monte de livro e era tudo para eles. Aí deitavam no

¹ Professora-intercessora 5. Entrevista concedida às autoras. [fev. 2019]. [S.l.], 2019. 1 arquivo .mp3.

chão, no tapete, ficavam vendo o livro. Se divertiam ali, naquilo (Professora-intercessora 3 – 24/01/2019).²

É no corpo a corpo com o livro que se aprende a ler, que se aprende o desejo e a afetação da leitura, do ato de ler. Com os livros nas mãos se vive o encontro como experiência, como transformação. Um encontro em que os *corpossintaxe*³, que nas salas de leitura vão sendo produzidos na relação espaço-livro-leitor, vão inventando mundos outros, experiências outras, inventivas, heterotópicas.

Não se pode esquecer que o jardim, espantosa criação atualmente milenar, tinha no Oriente significações muito profundas e como que sobrepostas. O jardim tradicional dos persas era um espaço sagrado que devia reunir dentro do seu retângulo quatro partes representando as quatro partes do mundo, com um espaço mais sagrado ainda que os outros que era como o umbigo, o centro do mundo em seu meio (é ali que estavam a taça e o jato d'água): e toda a vegetação do jardim devia se repartir nesse espaço, nessa espécie de microcosmo. Quanto aos tapetes, eles eram, no início, reproduções de jardins. O jardim é um tapete onde o mundo inteiro vem realizar sua perfeição simbólica, e o tapete é uma espécie de jardim móvel através do espaço. O jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo. O jardim é, desde a mais longínqua antiguidade, uma espécie de heterotopia feliz e universalizante (daí nossos jardins zoológicos) (FOUCAULT, 2009b, p. 418).

No terceiro princípio das heterotopias, é apresentado seu poder da justaposição, Foucault compara os tapetes aos jardins, chamando-o de “jardim móvel através do espaço”. O tapete, física ou metaforicamente ali exposto, assume o posicionamento do *sujeitoespaçotempo* heterotópico, e traz para as salas de leitura esse sentido de “espaço sagrado”, que ao ser habitado se transforma num microcosmo onde cabe o mundo todo. Um lugar outro dentro da escola.

Mas também as salas de leitura são o lugar das festas, uma heterotopia crônica, onde se fazem feiras literárias, comemorações das mais diversas, ensaios. Heterotopias que também lidam com o tempo, mas por sua efemeridade.

As salas de leitura são o lugar aberto às possibilidades. Ora biblioteca, ora tapete, ora jardim, ora festa. Ora passagem, ora permanência. Ora cronologia, ora heterocronia. Sua forma de existência vai variar de escola para escola, de acordo com o público que atende, com o profissional que ali atua, nas relações que estabelece com a comunidade escolar, com cada sujeito. Uma abertura a possibilidades outras que as mantêm na borda.

Hoje mais uma vez fui chamada na escola de ‘a maluca da leitura literária’, uma variação de ‘a mulher da leitura literária’ e percebi que a alcunha com pretensões

² Professora-intercessora 3. Entrevista concedida às autoras. [jan. 2019]. [S.l.], 2019. 1 arquivo .mp3.

³ Conceito desenvolvido na pesquisa de doutorado desenvolvida na OFIP com o tema “Formação inventiva de professores por entre as sintaxes dos corpos e a arte literária”.

de elogio pelo meu engajamento no trabalho de sala de leitura, na verdade, me deixava bem desconfortável. Sei que a leitura literária é meu mantra. Mas a essa altura eu já havia lido ‘A ordem do discurso’, e foi ali que descobri pistas de porque aquilo me incomodava. As micropolíticas são cansativas. (Diário de Pesquisa – 19/11/2019).⁴

Foucault em “A ordem do discurso” (2014) diz sobre a loucura: “Todo esse imenso discurso do louco só se tornava ruído; a palavra só lhe era dada simbolicamente, no teatro onde ele se apresentava, desarmado e reconciliado, visto que representava ali o papel de verdade mascarada” (FOUCAULT, 2014, p. 11).

Qual, então, seria o lugar dessa loucura, a “loucura literária”? Seria um não-lugar, onde o louco é isolado e, tendo seu discurso invalidado, perde o poder da disputa política? Ou, justamente por ser um lugar heterotópico, seria um lugar de disputa? Seríamos nós, professores de sala de leitura, sujeitos políticos em heterotopia?

Se a heterotopia é uma experiência da linguagem e dos corpos, promotora de subjetividades, definir os princípios que a norteiam, (re)pensá-la, formarmos/formarmo-nos com ela cotidianamente, e ocuparmos, com nossos corpos, esses espaços é nossa forma de manter tensionados os seus sentidos, nossa forma de fazê-la resistir e garantir suas existências.

Princípios de sala de leitura: sentidos em disputa

Pensar as salas de leitura em conversa com esses seis princípios heterotópicos e com os tipos de heterotopia apresentados por Foucault passa, então, a contribuir, juntamente com as experiências nelas vividas, para a construção de uma proposta de sua conceituação, um braço na disputa de produção de sentido para ela.

Para trilhar esse caminho, trazemos as vozes de professoras que viveram e vivem a experiência de habitá-las e forja-las cotidianamente. Propomos, então, um movimento que ocorre por entre quatro outros princípios que emergem do convívio com suas práticas em composição com as leituras heterotópicas: a sala de leitura é lugar de leitura literária, de encontro, de formação, de invenção. Quatro princípios aos quais, ao final, se acrescenta um quinto “princípio guarda-chuva” que abrange os outros quatro: a arte.

A proposta da divisão em princípios se dá por uma questão meramente processual, uma vez que a capacidade da justaposição, de simultaneidade, terceiro princípio heterotópico,

⁴ Diário de pesquisa de campo. [nov. 2019]. [S.l.], 2019.

permite que eles existam em pluralidade, e convivam. Esse convívio, por sua vez, não significa que os princípios heterotópicos, ou os das salas de leitura, ocorram de forma harmoniosa e complementar. Ao contrário, é a própria teia em si, e os movimentos que ocorrem nessa convivência com suas contradições e tensões, da experiência vivida ali, que nos interessa.

Porque, de alguma forma, todo mundo, sabe da importância da literatura, do mundo escrito. De alguma forma eles entendem que ali está o sentido para tudo. Não é na prova, não é na pesquisa, não é na apostila, não é no livro didático. É ali o sentido. Para que que você lê? Para que é que você aprende a ler? Para ler. E você não vai ler apostila. Você não vai ler prova. Você vai ler livro (Professora 4 – 25/01/2019).⁵

Se por um lado, viver em uma cultura letrada exige leituras utilitárias cotidianas das mais diversas, é na leitura dos livros que se constitui leitor. Pergunte a alguém “você é um leitor?” e a resposta, via de regra, será baseada na leitura de livros, e não nas leituras cotidianas diárias. E a escola é, por essência, o lugar do encontro com a leitura, da sistematização das leituras do cotidiano, do contato com os diversos gêneros e tipologias textuais. É nela que aprendemos a aproximar as leituras do cotidiano à leitura literária, possibilitando assim, novos encontros e descobertas. As salas de leitura são, nesse sentido, o espaço mais potente para proporcionar esse encontro. São espaços de posicionamentos múltiplos e de múltiplas ações.

No entanto, não se pode perder de vista aquilo que as singularizam. Por isso, propomos, a partir deste ponto, pensar os princípios que as norteiam.

O primeiro deles é a leitura literária como fonte primária da sua existência. É esse princípio que pauta todo trabalho que ali é realizado. Por isso, podemos chamá-lo de primeiro princípio: *as salas de leitura são o lugar da leitura literária*.

A própria constituição do acervo reafirma esse posicionamento. Se, por um lado, ela é composta de livros destinados à formação das (os) professores, alguns livros informativos e periódicos voltados tanto para adultos quanto para crianças, é à literatura que ela destina sua parte mais significativa que chega a ultrapassar dezessete mil títulos em algumas unidades escolares da SME-RJ.

Como é que um leitor se torna leitor? Lendo. Pensando nessa perspectiva, o espaço sala de leitura é um lugar de viver experiências múltiplas de leitura. Em meio a essa experiência tem-se a presença de um professor, responsável pela dinamização do acervo, de forma que o torne atraente e acessível para todos os que ali se aventurarem, fazendo-a funcionar como um dispositivo.

⁵ Professora 4. Entrevista concedida às autoras. [jan. 2019]. [S.l.], 2019. 1 arquivo .mp3.

O que você acredita ser uma sala de leitura? [...]

Tinha uma frase que eu falava que acabou entrando até no fascículo⁶. ‘Tem que entrar, tem que entrar! É uma definição!’ (Diziam as pessoas) É uma definição poética. Não é científica não, mas traduz a síntese de como eu vejo esse espaço. A *sala de leitura é o lugar do encontro entre leitores e leituras*. É o lugar de encontrar sempre um motivo para ler. [...] Antônio Cândido dizia, a literatura está dentro do chiste, da piada, do trocadilho que o cara faz, ela tem um leque muito amplo, mas a grande questão é a capacidade de você representar e ter o caráter subjetivo dessa representação e a imaginação como mote, a fabulação, a capacidade de fantasiar a realidade. Isso está no humano. Para sobreviver. E isso está no vetor da literatura, na metáfora, no brincar com as palavras, no dizer uma coisa falando outra. E a rima a prosa, a poesia, isso é do humano. E é um direito nosso ter acesso a isso. E a gente precisa (Professora 1 – 26/12/2018, grifo nosso).⁷

O segundo princípio das salas de leitura aqui se anuncia: *as salas de leitura são o lugar do encontro*. Esse princípio faz emergir, por um lado, o caráter coletivo desse espaço, onde professores, alunos, pais, funcionários, experienciam possibilidades outras de existência por meio da leitura, de trocas que o cotidiano, com suas hierarquias e sua estrutura opressora, não permite. Por sua natureza de desequilíbrio e de promoção de deslocamentos, as salas de leitura possuem potência para serem a linha de fuga das escolas, fomentadoras de insurgências, provocadoras de reposicionamentos/contraposicionamentos.

Mas é também, e principalmente, “o lugar de encontro entre leitores e leituras”. Nela não se desenvolve competência de leitura, se afirma o prazer de ler. Não se faz prova de redação, se escreve. Não se senta em carteiras alinhadas e se fica calado para prestar atenção, se faz roda de leitura, roda de conversa. Não há aquele que professa, mas o que faz *com*. Não há imposição de leitura, mas liberdade de escolha, inclusive de não ler (PENNAC, 1993). Há liberdade de dizer, e não dizer, de ter e não ter opinião. Há também a paixão, o brilho no olho que convence, que incentiva, a voz que acolhe. Há emoção. E tudo isso se configura com leituras, com conversas, com transversalidades, rizomaticamente (DELEUZE; GUATTARI, 1995). A sala de leitura é um lugar de despedagogização das leituras, em que o ato de ler é vivido como fruição, fricção, gozo, sem estar a serviço de análises e atividades de ensino da língua; e de possibilidades de invenção de si e do que é coletivo, em conversa com a arte literária.

Quando se trabalha, a solidão é, inevitavelmente, absoluta. Não se pode fazer escola, nem fazer parte de uma escola. Só há trabalho clandestino. Só que é uma solidão extremamente povoada. Não povoada de sonhos, fantasias ou projetos, mas povoada de encontros. Um encontro é a mesma coisa que um devir ou núpcias. É do fundo dessa solidão que se pode fazer qualquer encontro. Encontram-se

⁶ Referência ao fascículo “Multieducação: sala de leitura (séries em debate) da Prefeitura do Rio de Janeiro”

⁷ Professora 1. Entrevista concedida às autoras. [dez. 2018]. [S.l.], 2018. 1 arquivo .mp3.

peessoas (e às vezes sem as conhecer ou jamais tê-las visto), mas também movimentos, ideias, acontecimentos, identidades (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14).

Encontro é núpcias. O que não quer dizer tranquilidade e consenso, mas estado de potência, devir. É desse sentido mais amplo de encontro que trata o terceiro princípio das salas de leitura. E é por esse caminho, em meio a esses encontros, que compreendemos que as salas de leitura são também o lugar da escrita, de produção de saberes outros, de escritas de si, de produção de possibilidades outras de estar no mundo, de invenção.

Nelas busca-se, além do perceber, agir e sentir, a construção de imagens-pensamento que se posicionam para além do empírico, do corpo orgânico, do tempo cronológico. Elas ocupam uma posição que dão a ver e a falar potências inventivas que vão além das representações. Potências essas que embebidas do universo literário, se manifestam nele e para além dele, nas experiências todas ali vividas pelos sujeitos que as habitam, que por elas circulam.

As experiências relacionadas a esse espaço, no entanto, não acontecem somente ali entre suas quatro paredes, entre professores e alunos, elas se estendem a encontros com especialistas e autores da literatura, na participação em saraus, rodas de leitura, seminários, feiras do livro, reuniões de professores, além de estarem sempre, em cada lugar onde haja o encontro entre um leitor e um livro. Pode-se afirmar, então, que com o trabalho nas salas de leitura, formamos e somos formados com e para a leitura literária de maneira diversa e regular. E é esse o terceiro princípio: *as salas de leitura são um lugar da formação*.

E da potência que emerge do encontro dos três primeiros princípios que se forma o quarto princípio: *as salas de leitura são o lugar da invenção*. Invenção que inclui a (re)invenção cotidiana de sua própria existência.

Na minha escola os livros ficavam no almoxarifado da escola, uma escola pequenininha, não tinha uma sala destinada a sala de leitura, tinha um armário dentro do almoxarifado que ficava com os livros de história. E ela (a professora) ia com aquela cestinha de livros de sala em sala para ter a hora da leitura. Aí ela lia, ou contava a história e a gente fazia desenho da parte que mais gostou invariavelmente ou variações do mesmo tema. Era esse o trabalho que havia (Professora 1 – 26/12/2018).⁸

Assim como uma sala de leitura cabe em uma cestinha, heterotopicamente, na cestinha cabem todos os princípios que garantem sua existência: leitura literária, encontro, formação e invenção. E cabe ainda um professor, sujeito que a transporta, e que estabelece com ela essa

⁸ Professora 1. Entrevista concedida às autoras. [dez. 2018]. [S.L.], 2018. 1 arquivo .mp3.

relação *sujeitoespaçotempo* posicionando-a enquanto sala de leitura; e cabe também os alunos, sujeitos que embarcam na cestinha e vivem ali a experiência heterotópica, garantindo, ambos, a existência desse espaço como tal. Uma sala de leitura, enquanto espaço heterotópico, portanto, não é somente um espaço físico, mas os posicionamentos e contrapositionamentos, que se manifestam nessa relação *sujeitoespaçotempo*.

Ao observar os movimentos que ocorrem nesse espaço, percebemos que, por entre os quatro princípios apresentados, há ainda um quinto princípio guarda-chuva que poderia/deveria ser o primeiro por conter em si todos os outros princípios: *as salas de leitura são o lugar da arte*, por ser a arte “a finalidade do mundo, o destino inconsciente do aprendiz” (DELEUZE, 2003 p. 50).

A arte e seus signos estabelecem com o espaço-linguagem das salas de leitura uma relação de posicionamento (FOUCAULT, 1992) com potência de impelir o sujeito a uma experiência heterotópica. Lutar por direitos nos dias de hoje, e, em especial, ao direito à arte, diante de tantas forças opressoras, é afirmar uma posição em prol da liberdade. Uma liberdade que acontece quando nos relacionamos com o que há de inventivo em nós, quando nos permitimos a arte, a viver, como sugere Foucault, a vida como uma obra de arte (FOUCAULT, 2006; 2009a); e como composição, pois é este o sentido da arte, como nos diz Deleuze e Guattari (2004, p. 247): “Composição, composição, eis a única definição da arte. A composição é estética, e o que não é composto não é uma obra de arte”.

Das aberturas, enlaces e vibrações para forjar espaços outros entre escola e universidade

Então os CIEPs chegam com aquela coisa, vamos fazer teatro, vamos fazer vídeo, vamos fazer... vamos botar computador... [...] Como a sala de leitura era o espaço das múltiplas linguagens, aí você fazia o teatro, você fazia dança, você fazia o áudio visual, você fazia a literatura, você fazia tudo e você fazia também curso de origami, de fazer embalagem, fazer cartão para o dia das mães, fazia os murais da escola que ainda era um resquício do multimeios⁹. Então era o lugar do tudo pode. Chegou a um ponto que você tinha até professor de sala de leitura cuidando da horta da escola. Que era o cara que podia fazer qualquer negócio. Então eu acho que esse era um pouco o paraíso e o caos dessa concepção não ter uma continuidade até porque o campo de conhecimento também estava sendo constituído (Professora- intercessora 1 – 26/12/2018).¹⁰

⁹ Os espaços de Multimeios surgiram na década de 1970 sob a égide do tecnicismo americano que defendia o “uso de máquinas em situações educacionais” (FONSECA, 2004 p. 43). Inicialmente não havia muita preocupação com a finalidade desse uso enquanto estratégia educacional, o que foi discutido com mais afinco na década de 1980.

¹⁰ Professora-intercessora 1. Entrevista concedida às autoras. [dez. 2018]. [S.L.], 2018. 1 arquivo .mp3.

Nunca vivemos um período de consenso sobre o sentido de uma sala de leitura. Mas há momentos em que as disputas por ele se evidenciam. E com elas emergem as possibilidades de repensarmos nossas práticas, pensá-las sob outras perspectivas, desnaturalizarmos nosso fazer diário e redimensionarmos nossas próprias existências.

O que a fala dessa professora enuncia é a possibilidade, que sempre nos ronda, de descaracterização do espaço, de forma que ele, ao invés de ser um *lugar outro* heterotópico, acabe por se tornar um *outro lugar* e, com isso, deixe de existir enquanto produtora de diferença pelo que há nela de biblioteca.

Pensar em seus princípios torna-se, assim, uma tentativa de contribuir para que se mantenham as linhas de subjetividade e produzam experiências de fuga do esvaziamento de sentido a que a leitura literária, e a própria educação, vêm sendo submetidas; potencializando o caráter político e libertário que a leitura possui.

Por isso, pensar as salas de leitura é pensar sua potência caótica, provocadora de movimentos múltiplos, mas, principalmente, pensa-la na perspectiva do que elas têm de biblioteca da escola. Não aquela do silêncio e dos livros organizadíssimos nas estantes, mas na sua potência de caos desequilibrador. Um caos que as mantém numa borda que as aproxima e afasta de serem biblioteca, provocando, assim, o movimento e a invenção que a faz diferir. Seria, talvez, uma heterobiblioteca? Ou isso seria redundância?

O quinto princípio das heterotopias, também presente nas salas de leitura, diz respeito à sua capacidade de abertura e fechamento. Nele, Foucault (2013, p.27) propõe que: “A heterotopia é um livro aberto, que tem, contudo, a propriedade de nos manter de fora”, para penetrá-la ou se é obrigado, ou se precisa passar por ritos e purificações. E há ainda aquelas que são ilusões. Neste caso, ao penetrar, só pelo fato de entrar, se é excluído.

As salas de leitura possuem em si essa capacidade de abertura dos sujeitos à leitura desse livro-heterotopia que está ali posto, ansiando por leitores, mas, no entanto, alguns – arriscamos dizer que, por não as suportarem – não ultrapassam o limite da capa.

Referências

- BRASIL. **Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018**. Institui a política nacional de leitura e escrita. Brasília, DF: Presidência da República, [2018]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.696%2C%20DE%2012,Art Acesso: 28 jul. 2022.
- DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs vol 1-** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2004.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. (org.). **Formação Inventiva de Professores.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos.** São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. **Deslocamentos na formação de professores:** aprendizagens de adultos, experiência e políticas cognitivas. Rio de Janeiro: Lamparina, 2011.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; RODRIGUES, Heliana Conde. **Ordens do discurso:** comentários marginais à aula de Michel Foucault. Rio de Janeiro: Lamparina, 2020.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira; SECRON, Liliana; BUSQUET, Líbia. Educação remota e pandemia em close-up. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 18, n. 49, 2022. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9121> Acesso: 05 jul. 2022.
- FONSECA, Leda Maria. **Salas de leitura:** concepções e práticas. Dissertação Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. PUC-RIO. 2004.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos:** curso do Collège de France, 1979-1980: aulas de 9 a 30 de janeiro de 1980. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009a.
- FOUCAULT, Michel. Apresentação. **Ditos e escritos III:** Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p. 6-48.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. **Ditos e escritos III:** Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009c. p. 411-422
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias.** São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso:** aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LAVAL, Christian. Foucault e o pensamento utópico. In: FOUCAULT, Michel. **O enigma da revolta:** entrevistas inéditas sobre a revolução iraniana. São Paulo: n-1 edições, 2019, p. 102-142.
- MONTEIRO, Simone; SERRA, Elizabeth; GUEDES, Adriana. **Cursos da FNLIJ para SME- RJ – 12 anos.** [S.l.]: 19º Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, 2017. 1 vídeo (1h09min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GeZdLSxN2wM> Acesso em: 23 abr. 2022.
- PENNAC, Daniel. **Como um romance.** Rio de Janeiro. Rocco, 1993.
- RAGO, Margareth. **Inventar outros espaços, criar subjetividades libertárias.** São Paulo: ECidade, 2015.
- ROCHA, Marisa Lopes da; AGUIAR, Katia Faria de. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. **Revista Psicologia, ciência e profissão.** São Paulo: Conselho Federal de Psicologia, vol.23, n.4, pp. 64-73. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 07 jul. 2019.
- SECRON, Liliana. **Salas de leitura e suas heterotopias como dispositivo para uma formação inventiva de professores.** Orientadora: Profa. Dra. Rosimeri de Oliveira Dias. 2020. 111f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1aVw5pr6cehjYlskyXhb9IUEL-hZpiPZJ/view> Acesso em: 01 jul. 2022.

SOBRE AS AUTORAS

Liliana Secron Pinto. Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação Processos Formativos e Desigualdades Sociais, UERJ; Professora da Secretaria de Estado de Educação (SEEDUC-RJ) e da Secretaria Municipal de Educação (SME-RJ) - Brasil; Grupo de pesquisa Oficina de Formação Inventiva de Professores (OFIP/CNPq); Contribuição de autoria: Escrita – Primeira Redação, Escrita – Revisão e Edição, Investigação, Metodologia. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9656039686462211>

Rosimeri de Oliveira Dias. Doutorado em Psicologia, UFRJ; Professora Associada e Procientista da UERJ - Brasil; Coordenadora do Grupo de pesquisa Oficinas de Formação Inventiva de Professores (OFIP/CNPq); Editora da Revista Interinstitucional Artes de Educar (RIAE/UERJ); Vice Coordenadora do FEPAE/Nacional/ANPED. Contribuição de autoria, escrita, obtenção de financiamento FAPERJ, supervisão, revisão e edição. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4701136188544538>

Como citar este artigo (ABNT):

DIAS, Rosimeri de Oliveira; PINTO, Liliana Secron. Heretotopias e produção de sentido nos espaços de salas de leitura. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 01, e11276, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22481/redupa.v1.11276>